

**REPRESENTAÇÕES CÔMICAS DA PRIMEIRA REPÚBLICA NA COLUNA LITERÁRIA
“DIÁLOGOS” (1895-1899)*****Marcela FERREIRA**

RESUMO: Os “Diálogos”, de Figueiredo Coimbra, começaram a ser publicados no dia 23 de julho de 1895 no periódico *A notícia*. A coluna possuía um eminente caráter estético e artístico, realizando uma representação literária do cotidiano dos cariocas do final do século XIX. Nos “Diálogos” aparecem em vários textos deputados ou ministros falando sobre a política do país; nessa época, os que estavam em conflito pelo poder eram conservadores e liberais. Muitos textos abordam a questão da defesa da República, a maneira como os políticos mudavam de opinião e de partido, as atitudes dos candidatos em suas campanhas, a dualidade do governo e até o funcionamento do sistema de governo. Portanto, através dos “Diálogos” pode-se perceber um retrato cômico de situações ocorridas no advento da República, mais especificamente no período de publicação da coluna (1895-1899).

Palavras –chave: “Diálogos”, Figueiredo Coimbra, Política.

ABSTRACT: The literary column “Diálogos” of Figueiredo Coimbra started to be published on July 23rd, 1895 in the periodical of Rio de Janeiro *A notícia*. In the “Diálogos”, we can realize the appearance of representatives or ministers talking about the politics of the country in various texts. At this time, the people who were fighting for power were conservative and liberal. Many texts focus on the issue of the defense of the Republic and on how the politicians changed their minds and parties, the attitudes of the candidates in their campaigns, the duality of the government and even the functioning of the system of government. Therefore, through the “Diálogos” we can realize a comic portrait of the situations which occurred with the advent of the Republic, more particularly in the period of publication of the column (1895-1899).

Keywords: “Diálogos”, Figueiredo Coimbra, Politic.

Introdução

A principal característica da Primeira República foi o absoluto domínio das oligarquias agrárias (os grandes fazendeiros) sobre a política brasileira. A oligarquia mais rica e poderosa, formada pelos cafeicultores, assumiu o controle do governo federal e do governo do estado de São Paulo. As oligarquias mais fracas, ligadas à pecuária, ao açúcar, ao algodão, ao cacau e a outros produtos secundários, assumiram o controle dos demais governos estaduais.

Deodoro da Fonseca, no bojo da grave crise política, renunciou naquele mesmo ano, quando seu vice, o marechal Floriano Peixoto, ocupou seu lugar, nele permanecendo até 1894, quando Prudente de Moraes assumiu a presidência.

Foi no período do governo de Prudente de Moraes, de 1894 a 1898, que a coluna literária “Diálogos”, iniciou a sua publicação no vespertino *A notícia* — mais precisamente no dia 23 de julho de 1895. A coluna tinha como característica principal a representação do cotidiano carioca de uma forma humorística. Em alguns textos encontra-se um retrato cômico do momento político.

Nos “Diálogos” que faziam alusão à política, desfilavam ministros, candidatos, eleitores, deputados e, ainda, cidadãos cariocas que conversavam sobre o funcionamento do sistema governamental, os partidos políticos, a dualidade do governo e a imposição da República, entre outros assuntos. Havia também comparações entre o período monarquista e os primeiros anos da República.

Assim, tentaremos mostrar, nesses textos literários, alguns aspectos ligados à política no período da Primeira República, por ocasião do governo de Prudente de Moraes.

Panorama da coluna literária “Diálogos”

O Rio de Janeiro, no final do século XIX, era a capital cultural do país, onde se concentravam variadas produções artísticas. Era nesse ambiente que vários escritores lançavam suas produções literárias. Diz Nicolau Sevcenko:

...desde praticamente o início da campanha abolicionista até o início da década de 1920, quase toda produção literária nacional se fazia no Rio de Janeiro, voltada para aquela cidade ou com vistas a ela.¹

A maioria dessa produção literária era lançada nos vários periódicos que circulavam não somente entre os cariocas, mas também por todo o país. *A Notícia*, por exemplo, era um jornal que tinha essa característica em sua essência, trazendo várias colaborações de literatos como Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães, Artur Azevedo e Figueiredo Coimbra, entre outros.

Figueiredo Coimbra colaborava no periódico com as colunas “Notas de um simples” (crônicas) e “Diálogos”, que foram publicadas exclusivamente n’*A Notícia*. O autor já havia colaborado em outros periódicos como a *Gazeta da Tarde*, em 1886, e o *Mequetrefe*, em 1887, além de destacar-se como autor de revistas de ano e comédias que tiveram grande repercussão na época de suas representações como *O Bendegó* (revista com Oscar Pederneiras), *A carta anônima* e *A exposição nacional*.

Os “Diálogos” de Figueiredo Coimbra eram uma espécie de cena teatral que, com algumas exceções, era composta apenas de personagens que contracenavam sem a intervenção do narrador. Artur Azevedo, em sua coluna “O teatro”, fez a seguinte caracterização dos “Diálogos”:

Que outra coisa são aqueles incomparáveis Diálogos senão fragmentos de comédias, cenas soltas que, articuladas numa ação dramática, produziram irresistíveis efeitos?²

A coluna era uma compilação de humor, dramaticidade e representação do cotidiano. Figueiredo Coimbra explicou num dos textos como eram feitos os “Diálogos”; no texto em questão, um dos interlocutores, dirigindo-se a Coimbra, que era o outro personagem, proferiu o seguinte:

— Tu és o escritor que apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato.³

Figueiredo Coimbra, como disse o personagem, buscava os assuntos para seus “Diálogos” “em toda parte” e em “qualquer pessoa ou em qualquer fato”; assim, percebe-se como a coluna realizava a representação do cotidiano.

Para esse registro, a coluna usava uma linguagem fácil, a linguagem da cidade. Em alguns “Diálogos” há expressões francesas e também expressões de uso cotidiano, que denunciavam a posição social de um tipo carioca.

As cenas geralmente passavam-se na Rua do Ouvidor e em outras ruas do Rio de Janeiro, nos teatros, nos salões de festas, nas casas de família ou nas redações dos jornais, representando, assim, o que acontecia nos mais diferentes lugares do Rio de Janeiro.

O espaço, geralmente, é caracterizado pelo discurso das personagens, mas em alguns “Diálogos” há um narrador que descreve o espaço. A maioria das cenas resulta de encontros entre cariocas, — encontros casuais, principalmente nas ruas.

Em alguns “Diálogos”, o tempo nas cenas é expresso por um narrador nas rubricas; em outras, o leitor é levado a pensar que se trata de diálogo ocorrido recentemente, pois não há, de modo geral, menção do dia ou das horas.

Em seu aspecto estético, os “Diálogos” combinavam características da crônica e das revistas de ano, estabelecendo uma ligação entre essas duas formas literárias. Das revistas de ano estavam presentes os personagens-tipo e a comicidade; da crônica, a representação do cotidiano, com observação dos fatos correntes no dia-a-dia.

A coluna iniciou-se no dia 23 de julho de 1895 e permaneceu até 20 de janeiro de 1899, dois meses antes da morte do autor. Com a leitura de toda a coluna, foram encontrados 467 textos, distribuídos de 1895 a 1899, de acordo com a tabela a seguir:

ANO	Nº DE TEXTOS
1895	134
1896	225
1897	86
1898	18
1899	4
TOTAL	467

A característica peculiar dos “Diálogos” era a representações do cotidiano, feita através de textos que falavam sobre os diversos problemas vividos naquela época, já que aquela sociedade estava em constante transformação, segundo Flora Süssekind em *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*.

Uma cidade em transformação: esta a imagem que se tem do Rio de Janeiro desde que se iniciam os projetos de reformas urbanas nos três últimos decênios do século XIX até o “bota-abaixo” do início deste século [...] A Capital: a encenação de um Brasil que se deseja moderno, de uma população que troca seu velho figurino por sapatos e paletós obrigatórios, de uma ansiosa substituição do naif pelo puro chic.⁴

Tratemos, agora, de um tema representativo desse cotidiano, segundo a ótica dos “Diálogos”, que influía na vida de todo o povo: a política.

O retrato cômico da política na Primeira República

Na Primeira República, os que estavam em conflito eram conservadores e liberais. Muitos textos mostram a questão da defesa da República e como os políticos mudavam de opinião e de partido. Com relação à República, José Murilo de Carvalho explica:

A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo [...] sistematicamente frustrada. Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano; desapontaram-se os operários, sobretudo sua liderança socialista, com as dificuldades de se organizarem em partidos e de participarem do processo eleitoral; os jacobinos foram eliminados [...] No entanto, havia no Rio de Janeiro um vasto mundo de participação popular. Só que este mundo passava ao largo do mundo oficial da política. A cidade não era uma comunidade no

sentido político, não havia o sentimento de pertencer a uma entidade coletiva.⁵

Na coluna, a retratação cômica referente a esse momento encontrava-se presente nas diversas falas dos candidatos e nas conversas dos cariocas, nas quais o assunto principal era a política.

O discurso dos candidatos

Em conversas com o eleitorado, era comum, da parte dos candidatos, a petição de votos; a maioria dos eleitores fazia diversas perguntas para esses aspirantes a políticos sobre seus projetos futuros, mas o discurso proferido por eles é ironizado no texto, uma vez que não se comprometem com nenhum tipo de benfeitorias para a população ou para o país. Por exemplo, nos “Diálogos” do dia 7 de outubro de 1895, um eleitor conversa com um candidato e pergunta como será o seu trabalho:

O ELEITOR. — [...] eu estimaria mais que o doutor me declarasse o que vai fazer.
O CANDIDATO. — Nada...
O ELEITOR. — É pouco.
O CANDIDATO. — Republicano conservador, pretendo ser o mais moderado possível. Sustentarei a República em todos os terrenos, mas com moderação. O maior perigo que pode correr o grande regime de 15 de novembro é o excesso de zelo em o defender. O meu programa é não fazer nada; a República irá por si.⁶

As declarações mostram que ele não vai fazer nada durante o seu mandato; dessa forma Figueiredo Coimbra ironiza a política brasileira, mostrando que os políticos não têm compromissos com o país, principalmente quando o personagem diz que a “República irá por si”, ou seja, que não precisaria de ninguém.

Em outro texto, datado de 17 de janeiro de 1899, já na República presidida por Campos Sales, o autor retoma o assunto dos candidatos sem compromissos, que não fariam absolutamente nada em seus mandatos, apresentando novas conversas com o eleitorado. O discurso é muito parecido com o encontrado no texto de 1895, ou seja, esclarece-se ao eleitor que não se promete nada:

— Peço-lhe que não veja em mim um candidato vulgar.
— Oh! não.
— Terá notado que a minha circular sai do comum.
— Isso notei.

- Como candidato, fujo sistematicamente de tomar compromissos espetaculosos e banais que não se desempenham.
- É verdade: o senhor não tomou compromisso nenhum.
- Pois aí é que está. Não prometo nada.
- Bravo!
- Talvez não faça mesmo coisa nenhuma.⁷

Assim, o eleitor chega à conclusão de que, se ele não promete nada, também não fará coisa nenhuma em seu mandato.

A ironia desses discursos consiste na franqueza dos candidatos, pois é raro aquele que assuma não pretender fazer nada. O que acontecia e, aliás, o que ainda acontece, é candidatos fazerem muitas promessas e, no final de seu mandato, constatar-se que nada fizeram.

A dualidade do governo

Um tema corrente na “boca do povo” naquela época era a dualidade do governo, haja vista que se afirmava que a índole do governo era dupla e que por trás do presidente havia outras pessoas, muitas vezes de caráter oposto. Os “Diálogos” do dia 31 de outubro de 1895 tratavam desse tema:

- A dualidade do governo que se vê em alguns estados reflete bem a situação geral no Brasil, o que, aliás, é naturalíssimo, porque o poder deve ser o reflexo do povo.
- Mas não acha você que nesse reflexo abundante haja minguada reflexão?
- Não, trata-se de uma época especial. Há períodos *sui generis*; se este que atravessamos tivesse a duração de um século, seria o século dos pares.
- Faz-me lembrar uma comédia que vi há muitos anos, onde havia um sujeito que tinha a mania dos pares e o horror aos ímpares. Para que o namorado da filha desse homem pudesse desposá-la, era indispensável seduzir o velho ostentando a sua mania. Assim, apresentava-se-lhe com duas bengalas, dois chapéus...
- Dois pares de botas?
- Não, o dois já estava no par.
- O diabo é que ele só tinha uma filha.
- Sim, mas uma vez casada...
- Comprometiam-se eles a ter uma prole de acordo com a mania do velho?
- Isso é o que a história não diz. Pois o pretendente à mão da pequena é o povo brasileiro, que usa tudo a dois: política, bengalas, amores, lenços, governadores de Estados e guarda-chuvas. Tudo se explica e se resume no princípio filosófico da dualidade ou duplicidade. Há de você encontrá-lo em tudo, e

quando não seja à primeira vista, depois de um leve estudo dos homens e das coisas. Desconfie daquilo em que mesmo depois de muito procurar, só vir um; haverá outro, escondido, para fazer o par, ainda que o gênero ou sexo seja diferente.

— Perdão! na vida particular, no lar conjugal...

— É verdade! Não me lembrava de que aí às vezes há três...⁸

A questão do duplo na política pode ser referência à questão de que na época de Prudente de Moraes, muitos florianistas ainda tinham uma certa força, sobretudo no Exército e, por essa razão também, o presidente ia revogando lentamente as iniciativas do governo anterior.

O povo e a República

Anos depois da Proclamação da República, as pessoas ainda não entendiam como funcionava esse sistema governamental; o que sabiam era o que estava nos jornais da época. Nos “Diálogos”, do dia 12 de novembro de 1895, os meninos brincam de República e mostram qual seria o papel dos vários postos governamentais que são encontrados nesse sistema, do qual o menino sabe de informações colhidas nos jornais:

MENINO ZECA. — O presidente é um só; tu não queres que eu seja...

MENINO JUCA. — Não podem ser dois?

MENINO ZECA. — Juca, deixa de molecagem!... Tu és o governador, e eu sou o senado.

MENINO JUCA. — Uê! o senado é muita gente!

MENINO ZECA. — Pateta! o senado não tem número: quem faz o senado é o governador...

MENINO JUCA. — Então, bem. Eu sou o governador, mando mais do que tu.

MENINO ZECA. — Conforme, porque quem faz o governador é o senado...

MENINO JUCA. — Não entendo. Assim não dá certo.

MENINO ZECA. — Dá, tolo. Escuta: governador e senado, tudo isso é o povo governando...

MENINO JUCA. — E se o povo não quiser governar assim...

MENINO ZECA. — Quer por força; quer sempre, tanto assim que ninguém lhe pergunta nada.

MENINO JUCA. — Mas como é que o povo entra nesse negócio?

MENINO ZECA. — O povo não entra; é fingido; por isso é que é engraçado. Nós dois governamos; vamos buscar o Manduca para fingir de povo. Nós dois fazemos um palavreado bonito: o Manduca põe-se de quatro pés e bate palmas.

MENINO JUCA. — Como é que ele bate palmas, estando de quatro pés?

MENINO ZECA. — Com a cabeça! Bate palmas é como quem diz: gosta. Ele gosta sempre.

MENINO JUCA. — Foste tu que inventaste esta brincadeira?

MENINO ZECA. — Verdade, verdade, não. Foi papai quem leu isso nos jornais.⁹

Uma outra característica do povo ironizada na conversa dos dois meninos é a sua participação, uma vez que, mesmo que o país tenha mudado de regime político, não havia uma plena participação do povo, e isso está explícito na frase proferida pelo menino Zeca: “Quer por força; quer sempre, tanto assim que ninguém lhe pergunta nada”.

O texto também faz alusão às opiniões disparatadas dos jornalistas e, se o povo fiasse nelas para formar a sua opinião, ele estaria perdido.

A imposição da República também pode ser vista nos “Diálogos” do dia 15 de fevereiro de 1896, pois muitos diziam que o regime havia sido imposto e que o povo não sabia o que estava acontecendo:

— Você me conhece?

— Conheço-te perfeitamente, apesar de estares sem máscara. Sempre disfarçado!

— Para que me tomem a sério...

— Hum! És um verdadeiro tipo de carnaval.... em todos os tempos.

— Que é a vida senão?...

— Deixa-te de filosofia barata, incorrigível sebastianista!

— Se a não fizer no dia de hoje, para quando a guardarei?

— Guarda-a para quando voltares a fingir que és republicano e patriota.

— Perdão! Eu nunca fui republicano: aceitei calado a imposição de um regime que se fazia valer pela força. Uma vez que há agora liberdade de não gostar da República, eu ponho as manguinhas de fora e bramo. Se isto não é o que se chama povo soberano...¹⁰

A questão da imposição da República e da alienação do povo na implantação do novo regime foi percebida por diversos autores logo após a Proclamação da República. O discurso que mais ficou conhecido foi o de Aristides Lobo, que disse o seguinte:

Por ora, a cor do governo é puramente militar, e deverá ser assim. O fato foi deles, deles só, porque a colaboração do elemento civil foi quase nula. O povo assistiu aquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam sinceramente estar vendo uma parada... Estamos em presença de um esboço rude, incompleto, completamente amorfo.¹¹

Há também uma cena em *Esaú e Jacó* de Machado de Assis, publicado em 1904, que também retrata a alienação do povo, em relação à implantação do novo regime; o episódio

conta a ida de Custódio, um confeitiro, até a casa do pintor, onde estava sendo pintada a tabuleta de sua confeitaria.

Na véspera, tendo de ir abaixo, Custódio foi à rua da Assembléia, onde se pintava a tabuleta. Era já tarde; o pintor suspendera o trabalho. Só algumas das letras foram pintadas, a palavra Confeitaria e a letra d. A letra o e a palavra Império estavam só debuxadas a giz. Gostou da tinta e da cor, reconciliou-se com a forma, e apenas perdoou a despesa. Recomendou pressa. Queria inaugurar a tabuleta no domingo.

Ao acordar de manhã soube logo do que houvera na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo as notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade os que afirmavam a revolução e vagamente a república. A princípio, no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta. Quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura. Escreveu às pressas um bilhete e mandou um caixeiro ao pintor. O bilhete dizia só isto: 'Pare no D'. Com efeito, não era preciso pintar o resto, que seria perdido, nem perder o princípio, que podia valer. Sempre haveria palavra que ocupasse o lugar das letras restantes. 'Pare no D'.¹²

Em todos esses textos, há a demonstração da disposição do povo em relação à República: um povo alienado, um povo perdido, um povo que não dizia nada!

Atenuar ou radicalizar?

No final do século muitos habitantes proclamavam que deveria haver mudanças drásticas na então Capital Federal, o que veio a ocorrer no começo do século XX, no governo do prefeito de Pereira Passos.

Em alguns "Diálogos", como o do dia 27 de maio de 1896, podem-se perceber algumas idéias vitais para essa mudança, que ficou conhecida como o "Bota-abaixo":

— E não se pode andar com um fato novo por estas ruas sempre cobertas de pó ou de lama! Que cidade! Quando é que isso há de ser limpo e direito?

— Há agora um plano de saneamento...

— Qual saneamento! É arrasar tudo e levantar uma nova capital, larga e bela, como se fez em Paris. O mais! é conversar e perder tempo!¹³

Já no início da República, "os problemas de abastecimento de água, de saneamento e de higiene viram-se agravados de maneira dramática"¹⁴, causando vários surtos de epidemias como a varíola e a febre amarela.

Nos “Diálogos” do dia 20 de junho de 1896, há comentários sobre a situação dos prédios do Rio de Janeiro e também se volta a falar a respeito do saneamento:

- Caminhando, poderemos admirar as belezas de arquitetura e higiene das nossas ruas.
- Isso tem que se lhe diga.
- Que vergonha! Este Rio de Janeiro, que tem condições para ser a mais formosa cidade do mundo, é apenas uma grande aldeia de casas mal construídas, em becos e vielas estreitíssimos, feia, suja e insalubre...
- Pois não é porque não se tenha dispendido muito dinheiro com o saneamento.
- O dinheiro vai-se e o saneamento não vem. Agora imagina: se não temos o mais necessário, a saúde, quando poderemos alcançar a beleza, que deveria ser o seu corolário?
- Também não é à falta de projetos...
- Sim, mas os projetos não têm andamento.
- E de concessões a particulares e companhias...
- Concessões que caducam sempre. No Rio de Janeiro as boas obras e reformas nunca vão por diante. Essa história do saneamento da cidade é uma linda poesia e mais nada... Não será para os nossos filhos.¹⁵

A idéia de civilização também esteve presente nos “Diálogos” do dia 28 de julho de 1896, em uma conversa entre um Selvagem e um Civilizado:

- O SELVAGEM. — Sim, senhor! É uma bonita cidade o Rio de Janeiro, mas que pena ser tão suja! Não haverá higiene por aqui? Vou perguntá-lo àquele senhor civilizado, que parece atencioso... Ó senhor!...
- O CIVILIZADO. — Que faz você na rua a esta hora, seu bugre de má sorte? Mal chegou dos seus sertões de Goiás, já aprendeu na capital a ser vagabundo? Aí está o que vocês sabem aproveitar da nossa civilização.
- O SELVAGEM. — Faça-me o obséquio de dizer em que consiste a sua civilização. Eu vim do mato especialmente estudá-la, mas em primeiro lugar preciso conhecê-la.¹⁶

Na realidade, muitas dessas idéias, que eram referentes ao “Bota-abaixo”, estavam sendo inseridas nas cabeças das pessoas daquela época, em que se queria transformar o Rio de Janeiro em uma capital semelhante a Paris.

Em uma outra situação, conversam o Radical e o Moderado, falando da situação do país e das idéias de cada um, mas parece que os papéis estão trocados, haja vista que o moderado tem idéias radicais, e o radical tem idéias moderadas:

- O RADICAL. — Paz! Esqueçam-se paixões mesquinhas e trabalhem todos pelo engrandecimento da pátria.

O MODERADO. — Qual! Isto só endireita a pau e picareta. Vamos de mal a pior! Precisamos demolir, arrasar tudo.

O RADICAL. — Como vai longe, meu caro! Para que ser assim extremado? A situação não é desesperadora. Devemos ter confiança nos recursos do país e sobretudo devemos ter juízo, muito juízo. Com juízo e com calma...

O MODERADO. — Deixe-se de histórias.¹⁷

Assim, percebemos através desses “Diálogos”, principalmente com as idéias trocadas, que alguns se diziam moderados, mas eram radicais e, vice-versa, isto é, mudavam constantemente de idéias ou as abandonavam com facilidades. Quando no meio da conversa o Moderado diz: - “Se eu algum dia me fizer deputado, porei a câmara em polvorosa, mas asseguro-lhe que o país há de progredir”¹⁸ -, percebe-se que se realizar isso, provavelmente ele chegaria no senado com outras idéias, já que se rotula moderado e tem idéias radicais. Situação que também encontramos em nossos dias, quando os políticos mudam constantemente de idéias e de partido.

República X Monarquia

Depois da Proclamação da República, várias discussões apareceram sobre o novo regime e, também, comparações com o regime anterior: a monarquia. Nos “Diálogos” do dia 16 de novembro de 1895, seis anos, portanto, após a Proclamação, dois jornais conhecidos conversam e, entre as discussões mantidas pelos periódicos, há a menção aos regimes republicano e monarquista; os dois personagens alegóricos tentam definir qual é o melhor para o país:

O BRASIL. — Eu sou monarquista, o Brasil é todo monarquista...

O PAÍS. — O Brasil em grifo. O País é republicano intransigente. Há um ou outro despeitado, um ou outro adversário sincero da República; mas a grande massa, o povo, por todas as suas classes não quer outra forma de governo.

O BRASIL. — Isso é o que contesto e provarei ser falso. Nasci mesmo para esse fim.

[...]

O PAÍS. — [...] Eu não quisera receber o meu colega com más palavras; mas o meu colega, que se propõe reivindicar direitos e liberdades conculcados, propagando o único regime que nos pode felicitar...

O BRASIL. — Sim, o único possível, a monarquia!

O PAÍS. — Tem uma esquisita maneira de cumprir tal programa. Olhem que pano de amostra! Pois quê? a monarquia começa logo por tirar tudo aos republicanos?¹⁹

O Jornal do Brasil, desde a sua fundação em 1891, teve caráter monarquista, indo contra o regime republicano. Eduardo Silva expõe que o periódico passou por três fases distintas:

[...] primeiro, sob a direção de Rodolfo Dantas, o Jornal Monarquista (1891-1893); depois, sob a direção de Rui Barbosa, o Jornal Legalista, intransigente defensor da Constituição e, por via de conseqüência, de oposição à ditadura do Marechal Floriano (1893-1894); por fim, fugindo à areia movediça de um confronto político direto, teremos — sem que o ranço monarquista tivesse se anulado inteiramente — o jornal popular voltado para o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro (1894-1918).²⁰

Na fase que compreende esse estudo, o jornal ainda adotava a militância em favor do regime monarquista. Nos “Diálogos” citados acima, O País, no decorrer da conversa, faz diversas ironias com O Brasil, principalmente dizendo que ele fazia “zumbaias à rainha da Inglaterra” e “referências entusiásticas a D. Carlos, de Portugal”. A existência de uma oposição ao regime republicano, na forma de um periódico que ficou conhecido como Popularíssimo, em sua fase de jornal popular, mostra que no país ainda havia muitos adeptos da Monarquia.

Partidos políticos

A fundação de um partido político também era tema nos “Diálogos”, que ironizavam essa questão, pois as pessoas não consideravam os partidos como instituições de caráter sério, como se pode notar:

- Não tenho nada que fazer.
- Nem eu.
- Se nós fundássemos um partido?
- Não é mal lembrado.
- Um partido político.
- Adverso às instituições em vigor?
- Como quiseres.
- Republicano moderado, mas com princípios novos.
- Quais serão? É difícil arranjá-los...
- Mais difícil será mantê-los, quando nem os velhos são sustentados.
- Ora! os princípios são apenas para o rótulo. O rótulo é tudo. Quem fala em cumprir um programa? Não entendes nada de política.
- É possível, mas afirmar teorias que se não tomam a sério...
- Sejam elas atraentes; não há obrigação de as pôr em prática.²¹

Nesse texto, percebe-se que o compromisso dos dois cidadãos ao constituir um partido seria nenhum; aliás essa era a característica que deveriam adotar para obter sucesso político.

Conclusões

A Primeira República, apesar de tudo, foi um importante avanço em relação ao período monárquico, haja vista que abriu um espaço, embora pequeno, que possibilitava à classe média e à nascente burguesia industrial participar da política do país.

O discurso dos candidatos, a dualidade do governo, a participação do povo — apesar de que em nossos dias o voto tem maior amplitude do que no final do século XIX —, e a constituição de partidos políticos, representados na coluna de uma forma cômica, são temas atuais, que impregnam, além dos periódicos, um outro meio de comunicação, a TV, e fazem parte da nossa vida, mesmo que estejamos alheios a tudo o que está acontecendo.

Muitas das situações abordadas nos “Diálogos” presenciamos em nossos dias na política republicana. Já vieram muitos presidentes, passamos por várias crises, mas parece que muita coisa não mudou do século XIX para o século XXI.

Notas

* Orientador: Alvaro Santos Simões Junior.- PIBIC/CNPq

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 93.

² AZEVEDO, Artur. O teatro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1899. p.2.

³ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1896. p. 2, 1.

⁴ SÜSSEKIND, Flora *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro – RJ. 1986. p. 15.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.37-8.

⁶ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 7 out. 1895. p. 1, 4.col.

⁷ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 17 jan. 1899. p. 1, 5.col.

⁸ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 31 out. 1895. p. 2, 1.col.

⁹ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 12 nov. 1895. p. 1-2.

¹⁰ F. C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 15 fev. 1896. p. 2, 1.col.

¹¹ LOBO, Aristedes. Diário popular. 18 nov. 1889. In: ORDOÑEZ, Marlene, QUEVEDO, Júlio. *História*. São Paulo: IBEP, 2000.

¹² Assis, Machado. *Obra Completa*.v.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

¹³ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 27 mai. 1896. p. 2, 3.col.

¹⁴ ¹⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados* : o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.19.

¹⁵ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 20 jun. 1896. p. 2, 2.col.

¹⁶ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 28 jul. 1896. p. 2, 4.col.

¹⁷ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 14 nov. 1895. p. 2, 3-5.col.

¹⁸ Idem nota 17.

¹⁹ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 16 nov. 1895. p. 2, 2.col.

²⁰ SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 41-42.

²¹ F.C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 16 set. 1896. p. 2, 4.col.